

Indústria do Rio caiu 15% em junho

Três importantes Estados registraram, em junho, taxas de desempenho industrial abaixo da média nacional. Apresentando seu pior resultado da década, o Rio Grande do Sul sofreu queda de 22,3% em sua produção industrial (em relação ao mesmo mês de 1989), enquanto São Paulo registrou -19,2% e o Rio de Janeiro, -15,7%. Como acontecera em maio, apenas a indústria baiana cresceu — em 4,5%. Os dados foram divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A média nacional de junho, divulgada anteriormente, ficou em -14,8%.

Pelo menos até este mês de agosto as taxas deverão continuar negativas, já que os meses que servem de base de comparação foram marcados pelo auge do crescimento em 1989.

Tanto Rio como São Paulo, tiveram em junho desempenho pior que em maio (quando as taxas ficaram em -10,6% e -13,4%). No acumulado do ano, o Rio apresenta resultado menos desfavorável (-7,3%) do que São Paulo (-9,4%), apesar do desaquecimento de dois de seus setores-chaves, a indústria naval e a construção civil (em julho, com a greve da Companhia Siderúrgica Nacional, esta situação pode ter se invertido). Foi o material de transporte que mais pressionou a taxa dos dois Estados (no Rio, -60,8%, pior desempenho desde 1981, e em São Paulo, -46,3%). O resultado positivo da Bahia é creditado ao setor de alimentos (74%) e de química (4%). Outras taxas: Santa Catarina, -14,2%; Pernambuco, -14,1%; Minas Gerais, -8%; e Paraná, -5,5%.

Abinee não teme importação liberada

SÃO PAULO — A indústria de componentes eletrônicos está preparando uma série de propostas a serem encaminhadas à Ministra Zélia Cardoso de Mello, que pretende anunciar a política do Governo para o setor em 2 de setembro.

O estudo, elaborado pela Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica (Abinee) com a colaboração do Instituto de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, foi discutido ontem por empresários do setor, no seminário "Componentes eletrônicos: proposta de ação", realizado pela Abinee.

Uma das sugestões refere-se à questão das alíquotas de importação: a indústria quer alíquotas próximas

de zero a partir de 1991 para matérias-primas não produzidas no Brasil e redução gradativa, até 1994, para as que são fabricadas aqui. A revisão tarifária deverá considerar toda a cadeia produtiva, com alíquotas menores para as matérias-primas. Segundo Murillo Rodrigues Alves, Vice-Diretor da Divisão de Componentes Eletrônicos da Abinee, hoje alguns insumos têm alíquotas maiores que o produto acabado.

Alves não teme que o sucateamento das empresas nacionais, pois o Departamento de Comércio Exterior está fazendo acompanhamento diário dos pedidos de importação, para evitar abusos.